

## ENTREVISTA / MATHEUS NACHTERGALE, ATOR

Laura Campanella/Divulgação



# 'O Brasil está tentando gostar de si'

**D**estaque do elenco de dois dos mais importantes filmes brasileiros da História – “Central do Brasil”, de 1998, e “Cidade de Deus”, de 2002 -, o paulistano Matheus Nachtergaele explica nesta entrevista o que foi regressar a Taperoá, a cidade imaginária do universo de Ariano Suassuna nesta continuação de sua obra mais popular.

“O Auto da Compadecida 2” chega às telas num momento em que “Ainda Estou Aqui” está à beira de somar 3 milhões de ingressos vendidos, lotando

cinemas com uma história 100% brasileira. Espera-se, de certa forma, numa corrida de revezamento, que vocês peguem esse bastão e mantenham os números de bilheteria altos. Como é esse desafio?

**Matheus Nachtergaele:** Nossa tarefa é recosturar o carinho do brasileiro por sua cultura. O cinema é um setor importante para a economia, pelo tanto de emprego que gera. Mas para o negócio funcionar, a gente precisa se amar. Neste momento, o Brasil está tentando gostar de si, embora ainda dividido. O nosso cinema, que tem agitado as bandeiras iden-

titárias com coragem, quer espectadores nas salas, prestigiando o que a gente tem para contar. Que o “Auto 2” seja um alívio, que seja uma lembrança de que aqui é bom. Se o filme ajudar o povo a caminhar no sentido de gostar de si de novo, já está bom.

**A marca dramaturgica deste novo ‘Auto’ é a amizade, pois o filme é uma ode à parceria entre Chicó e João Grilo. Como foi reencontrar a trupe neste regresso?**

A amizade é a protagonista desse filme. Sentia saudade da turma, do Selton, do Guel... de todos... mas também sentia saudades dos caras, dos personagens, do João e do Chicó. Acho que todo mundo sentia, pois eles moram no imaginário da gente, do país. Os dois são os heróis de cabeceira do povo brasileiro.

**Como foi o reencontro com João Grilo 25 anos depois do projeto original, que nasceu como minissérie, em 1999, e, na sequência, virou filme?**

João Grilo talvez seja o maior personagem cômico da dramaturgia brasileira. Voltar não era fácil, sobretudo pelo fato

de esse regresso não ser caça-níqueis, mas, sim, um processo de imersão sério na ambiência armoial do Ariano Suassuna. Deu medo voltar a ele? Deu. Mas, lá nos anos 1990, eu não fiz esse personagem distraidamente. Eu o fiz sob o arquétipo do homem nordestino simples, estudando um calhamaço de referências que o Guel Arraes me deu. Foi o João Grilo quem me ensinou a interpretar figuras marginais com respeito, fazendo uma comédia que jamais é depreciativa. A gente não ri da simplicidade, a gente ri do ridículo que existe no Poder. Volto carregando comigo 25 anos de vida, estando 25 anos mais cansado. O João Grilo também está 25 anos mais cansado de ter que sobreviver em meio a cada prato de comida que consegue.

**Qual é a tônica que caracteriza esse regresso?**

Agora há uma Taperoá lisérgica. Olho para tudo nela dos olhos do Grilo e deles eu vejo a exaustão do sobrevivente. As memórias da vida são parecidas com a memória da cena. Ao atuar, apesar de a gente estar marionetando figuras a partir de um plano de voo definido, o material de cada cena é a vida. No material desta volta, foi emocionante abraçar de novo o Chicó e ajoelhar diante da Santa uma vez mais. O texto aqui respeita as bases do Ariano e mostra o que o João Grilo tem a aprender toda vez que volta do julgamento no Céu. É uma história sobre chances de aprender e oportunidades de nos modificarmos.

**Como fica sua agenda para 2025, pós-Auto?**

Vou ficar na novela “Vale Tudo” (o remake do fenômeno de audiência de Gilberto Braga, de 1988, em gestação na Globo) até novembro pelo menos, no papel que foi do Pedro Paulo Rangel (Audálio, também chamado Polyanna). Tão querendo filmar o “Cabras da Peste 2” nessa época também. Tem ainda um projeto do Tiago Vieira, com quem fiz o curta “Quando Parei De Me Preocupar Com Canalhas” (pelo qual recebeu o troféu Kikito de Melhor Ator, em Gramado), mas que deve ficar para 2026. Quero agora ver a recepção ao “Auto 2”, que ficou um filme bonito. Se alguém quiser falar mal dele, que fale. Pra esses, eu digo: “Pode falar, o filme é teu também”. É um filme nosso. É um filme do Brasil para o Brasil.